



ESTUDO DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA FAVELA BEIRA-MAR SOBRE O SEU AMBIENTE COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA, JARAGUÁ, MACEIÓ- ALAGOAS

W.S. Ferreira Júnior¹; R.C. Pinto; M.D.S. Reis; C.F.T. Souza

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Praça Afrânio Jorge, Prado. Maceió-Alagoas. ¹kba.bio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O conhecimento de uma população tradicional sobre o ambiente em que vive é fundamental para a ampliação do conhecimento científico sobre as relações entre o homem e o meio em que habita. PINHEIRO (2004) afirma que o conhecimento da população a respeito de seu ambiente pode subsidiar pesquisas taxonômicas, manejo de fauna, entre outras vantagens. As áreas de conhecimento encarregadas por este estudo são as etnociências.

Populações que construíram uma história em seu local de origem comumente reservam grande conhecimento sobre a área. Dentre essas populações, destacam-se as de pescadores que apresentam características que as diferenciam umas das outras (DIEGUES, 1999).

As atividades pesqueiras estão diretamente relacionadas ao equilíbrio da fauna aquática. Perturbações nesse equilíbrio afetam não só as pessoas que trabalham com a pesca como também a população humana e a dinâmica ecológica dos ecossistemas. Assim, torna-se necessário que o conhecimento tradicional seja registrado a fim de conservar identidades e aliá-lo ao saber científico.

OBJETIVO

Este trabalho tem por objetivo investigar o conhecimento ecológico tradicional dos pescadores da Favela Beira-Mar (ou Vila de Pescadores) localizada no bairro de Jaraguá, Maceió - Alagoas.

MATERIAL E MÉTODOS

O Bairro de Jaraguá localiza-se na cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas (9°30'S e 35°44'O). Nele, encontra-se o cais do porto, onde lateralmente a este se desenvolveu a Vila de Pescadores. A colônia conta não só com moradores que lidam com a pesca, mas também com famílias que vieram em tempos recentes buscando apenas um local para se instalar. Os habitantes vivem sob

péssimas condições de moradia e a maioria dos casebres são feitos com madeira e lona.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas. A primeira ocorreu em dezembro de 2006, quando 34 indivíduos foram entrevistados de acordo com os seguintes critérios de seleção: ter alguma experiência com a pesca local e ser ou ter sido residente na Vila. A segunda etapa ocorreu em março de 2007, onde foram entrevistados 30 indivíduos que, além dos critérios de seleção da primeira etapa, tinham que apresentar algum nível de dependência, direta ou indireta, da pesca local.

As perguntas aplicadas na primeira etapa estavam relacionadas sempre à pesca e às noções que os pescadores têm com relação à ação dos fatores abióticos sobre os organismos com os quais lidam. Na segunda etapa, as perguntas estavam relacionadas tanto às da etapa anterior quanto ao modo de vida e ao conhecimento sócio-ambiental dos moradores. Com a finalidade de conhecer a nomenclatura dada pelos pescadores às estruturas físicas dos peixes, aplicou-se também, durante a primeira etapa da pesquisa, desenhos esquemáticos de um peixe hipotético à 5 (cinco) pescadores, para posterior comparação na literatura.

As entrevistas foram todas registradas em fitas K7 ou em arquivos de MP3, e logo após, transcritas para análise. Fotos da comunidade e de algumas espécies na Balança dos Pescadores foram registradas em câmera digital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos entrevistados nas duas etapas, 48,44% são pescadores, 6,25% já foram pescadores, 20,31% são mulheres que limpam pescado, entre outros. Muitos informaram ter vindo tanto de outros estados nordestinos como de outros municípios do Estado de Alagoas, tendo migrado para a área de estudo à procura, especialmente, de trabalho.

Obteve-se com as entrevistas um levantamento ictiológico para a área, onde as espécies foram

determinadas segundo os nomes vulgares fornecidos nas entrevistas, uma vez que já existe o registro de material do litoral de Maceió na coleção do Museu de História Natural (MHN/UFAL). Os pescados mais citados foram: cavala (*Scomberomorus cavalla*), boca-mole (*Larimus breviceps*), arabaiana (*Seriola* sp.) e dourado (*Coryphaena* sp.).

Na segunda etapa desta pesquisa, obteve-se uma lista das relações alimentares entre os pescados. Como predadores, citou-se: siri, lagosta, tuinha, tubarão, pintadinho, arabaiana, dourado, quirá, espada, camurim e cavala. Como presas de outros animais, foram listados a serra, a sardinha, a maromba, a pescada, o cação, a carapeba, o garapau-vivo e cavalinha. Alguns entrevistados afirmaram que os peixes espada (*Trichiurus lepturus*), camurim (*Centropomus* sp.) e cavala (*Scomberomorus cavalla*) se alimentam do peixe carapeba (*Eugerres* sp.), sendo que o peixe cavala também se alimenta dos peixes garapau (*Chloroscombrus chrysurus*), sardinha e cavalinha (*Scomber* sp.).

Sobre os peixes de linha d'água, dourado (*Coryphaena* sp.), cavala, serra (*Scomberomorus cavalla*), agulhinha (*Strongylura* sp.), boca-mole (*Larimus breviceps*), foram os mais citados. Para os peixes bentônicos, muitos entrevistados referiram-se à arabaiana (*Seriola* sp.), ao sirigado (*Alphestes afer*), à cioba (*Lutjanus analis*), e ao atum (*Thunnus* sp.).

Na segunda etapa, 50,0% afirmaram que há períodos em que os peixes desaparecem por algum tempo a depender da estação, onde no inverno há mais peixe do que no verão. Isso ocorre porque no verão a concentração de nutrientes na superfície é pouca, pois o que existia foi absorvido pelo fitoplâncton e não pôde ser reposta (TAIT, 1987). Embora 14,70% afirmou que somente algumas espécies tenham desaparecido, 64,70% observou que a quantidade de peixes havia diminuído bastante, a ponto de prejudicar a vida dos que convivem com a pesca na área. Desse modo, segundo a maioria, a profissão de pescador não rende como rendia antigamente.

Sobre a poluição local, observou-se que esta predomina na Vila pela maioria dos entrevistados. O riacho Salgadinho, fonte de despejo de águas pluviais e esgoto urbano na Praia da Avenida, foi citado por 20 dos 30 entrevistados na segunda etapa como causador do aumento da poluição local, o que diminui a quantidade de pescado, auxiliada ainda por uma acentuada exploração por parte dos próprios pescadores. De acordo com GARCEZ &

SANCHEZ-BOTERO (2005), a poluição gerada pelo despejo de esgoto doméstico, rejeitos industriais e escoamento de defensivos agrícolas são citados como fortes causadores de impacto à ictiofauna.

CONCLUSÃO

Desta forma, os pescadores da Favela Beira-Mar compreendem que a poluição e a exploração exacerbada são as maiores causas da diminuição de pescado, que a profissão de pescador não é mais tão satisfatória economicamente como outrora, e que, no mar, existem relações influenciadas por fatores abióticos e bióticos, especialmente, humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Diegues, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, 3: 361-375, 1999.
- Garcez, D. S., Sánchez-Botero, J. I. Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Atlântica*, 27: 17-29, 2005.
- Pinheiro, L. Da ictiologia ao etnoconhecimento: saberes populares, percepção ambiental e senso de conservação em comunidade ribeirinha do rio Pirai, Joinville, Estado de Santa Catarina. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, 26: 325-334, 2004.
- Tait, R.V. *Elementos de ecología marina*. Acribia, 1987, 445p.